



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Quarta-feira, 27 de setembro de 2017 [\[Multimídia\]](#)

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Neste tempo falamos sobre a esperança; mas hoje eu gostaria de refletir convosco sobre os *inimigos da esperança*. Pois a esperança tem os seus inimigos: como cada bem neste mundo, ela tem os seus inimigos.

E veio-me à mente o antigo mito da caixa de Pandora: a abertura da caixa desencadeia muitas desgraças para a história do mundo. No entanto, poucos se recordam da última parte da história, que abre uma espiral de luz: depois que todos os males saíram da caixa, um minúsculo dom parece ter a desforra diante de todo o mal que se propaga. Pandora, a mulher que conservava o jarro, vê-o por último: os gregos chamam-lhe *elpís* que significa *esperança*.

Este mito narra-nos por que razão a esperança é tão importante para a humanidade. Não é verdade que “enquanto houver vida, haverá esperança”, como se costuma dizer. Talvez o contrário: é a esperança que mantém em pé a vida, que a protege, que a conserva, que a faz crescer. Se os homens não tivessem cultivado a esperança, se não tivessem sido animados por esta virtude, nunca teriam saído das cavernas, nem teriam deixado vestígios na história do mundo. É o que de mais divino possa existir no coração do homem.

Um poeta francês — Charles Péguy — deixou-nos páginas maravilhosas sobre a esperança (cf. *O pórtico do mistério da segunda virtude*). Ele diz poeticamente que Deus não se admira tanto com a fé dos seres humanos, e nem sequer com a sua caridade; mas o que realmente o enche de admiração e emoção é a esperança das pessoas: «Que aqueles pobres filhos — escreve — vejam como vão as coisas e que acreditem que será melhor amanhã de manhã». A imagem do poeta evoca o rosto de muitas pessoas que passaram por este mundo — camponeses, pobres operários, migrantes em busca de um futuro melhor — que lutaram tenazmente, não obstante a amargura de um presente difícil, cheio de numerosas provações, mas animada pela confiança de que os filhos teriam uma vida mais justa e mais tranquila. Pelejavam pelos filhos, lutavam na esperança.

A esperança é o impulso no coração de quem parte, deixando a casa, a terra, às vezes familiares e parentes — penso nos migrantes — em busca de uma vida melhor, mais digna para si e para os próprios entes queridos. E é também *o ímpeto no coração de quem acolhe*: o desejo de se encontrar, de se conhecer, de dialogar... A esperança é o impulso a “*compartilhar a viagem*”, porque a viagem se faz em dois: aqueles que vêm à nossa terra, e nós que vamos rumo ao seu coração, para os entender, para compreender a sua cultura, a sua língua. É uma viagem em dois, mas sem esperança aquela viagem não se pode realizar. A esperança é o ímpeto a compartilhar a viagem da vida, como nos recorda a Campanha da Cáritas que hoje inauguramos. Irmãos, não tenhamos receio de compartilhar a viagem! Não tenhamos medo! Não temamos compartilhar a esperança!

A esperança não é uma virtude para pessoas de barriga cheia. Eis por que motivo, desde sempre, *os pobres são os primeiros portadores de esperança*. E neste sentido podemos dizer que os pobres, até os mendigos, são os protagonistas da História. Para entrar no mundo, Deus teve necessidade deles: de José e de Maria, dos pastores de Belém. Na noite do primeiro Natal havia um mundo que dormia, acomodado em tantas certezas adquiridas. Mas em segredo os humildes preparavam a revolução da bondade. Eram totalmente pobres, alguns flutuavam pouco acima do limiar da sobrevivência, mas eram ricos do bem mais precioso que existe no mundo, ou seja, a vontade de mudança.

Por vezes, ter tudo na vida é uma desventura. Pensai num jovem ao qual não foi ensinada a virtude da espera e da paciência, que não teve de suar por nada, que queimou etapas e com vinte anos “já sabe como vai o mundo”; foi destinado à pior condenação: não desejar mais nada. Eis a pior condenação, fechar a porta aos desejos, aos sonhos. Parece um jovem, mas no seu coração o outono já chegou. São os jovens de outono.

Ter uma alma vazia é o pior obstáculo para a esperança. Trata-se de um risco do qual ninguém se pode dizer excluído; porque podemos ser tentados contra a esperança até quando se percorre o caminho da vida cristã. Os monges da antiguidade denunciavam um dos piores inimigos do fervor. Diziam assim: aquele “demónio do meio-dia” que vai debilitar uma vida de compromissos, exatamente quando o sol arde lá no alto. Esta tentação surpreende-nos, quando menos esperamos: os dias tornam-se monótonos e tediosos, quase nenhum valor parece digno de esforço. Esta atitude chama-se *preguiça*, que corrói a vida a partir de dentro, até a deixar como um invólucro vazio.

Quando isto acontece, o cristão sabe que aquela condição deve ser combatida, nunca aceite passivamente. Deus criou-nos para a alegria e a felicidade, não para nos remoermos em pensamentos melancólicos. Eis por que razão é importante preservar o próprio coração, opondo-nos às tentações de infelicidade, que certamente não derivam de Deus. E quando as nossas forças parecem frágeis e a batalha contra a angústia particularmente árdua, podemos recorrer sempre ao nome de Jesus. Podemos repetir aquela oração simples, da qual encontramos

vestígios inclusive nos Evangelhos, e que se tornou o fulcro de muitas tradições espirituais cristãs: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, tende piedade de mim, pecador!”. Uma linda oração! “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, tende piedade de mim, pecador!”. Trata-se de uma prece de esperança, porque me dirijo Àquele que pode abrir de par em par as portas e resolver o problema e levar-me a fitar o horizonte, o horizonte da esperança.

Irmãos e irmãs, não lutamos sozinhos contra o desespero. Se Jesus venceu o mundo, é capaz de derrotar em nós tudo aquilo que se opõe ao bem. Se Deus estiver connosco, ninguém nos roubará aquela virtude, da qual temos absolutamente necessidade para viver. Ninguém nos furtará a esperança. Vamos em frente!

Saudações

Peço-vos que hoje rezeis pelas vítimas e pelos prejudicados que deixa atrás de si o furacão que nestes dias se abateu sobre o Caribe e de modo especial sobre Porto Rico. Deus vos abençoe.

Saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, em particular os fiéis de Arruda dos Vinhos e Sobral, e os diversos grupos do Brasil. Queridos amigos, a esperança cristã nos leva a olhar para o futuro como homens e mulheres que não se cansam de sonhar com um mundo melhor. Que Maria, causa da nossa esperança, vos guie nesse caminho.

Apelo do Papa

É-me grato receber os representantes da Cáritas, aqui reunidos para dar início oficial à campanha «Compartilhemos a viagem» — bonito lema da vossa campanha: compartilhar a viagem — que eu quis fazer coincidir com esta audiência. Dou as boas-vindas aos migrantes, requerentes de asilo e refugiados que, ao lado dos agentes da Cáritas italiana e de outras organizações católicas, são sinal de uma Igreja que procura ser aberta, inclusiva e hospitaleira. Obrigado a todos vós pelo serviço incansável. Já os aplaudistes, mas todos eles realmente merecem um grande aplauso da parte de todos!

Com o vosso esforço diário recordais-nos que o próprio Cristo nos pede para receber de braços bem abertos os nossos irmãos e irmãs migrantes e refugiados. Acolher assim, de braços bem abertos! Quando os braços estão abertos, estão prontos para um abraço sincero, um abraço carinhoso, um abraço aconchegante, um pouco como esta colunata na Praça, que representa a Igreja mãe que abraça todos na partilha da viagem comum.

Dou as boas-vindas também aos representantes de muitas organizações da sociedade civil

comprometidas na assistência a migrantes e refugiados que, juntamente com a Cáritas, deram apoio à angariação de assinaturas para uma nova lei migratória mais adequada ao contexto atual. Sede todos bem-vindos!